

VOSSAS FILHAS SABEM LER¹?

Profa. Dra. Barbara Heller

Profa. Unip e Instituto Hebraico Brasileiro Renascença

Resumo: Este texto tem por objetivo discutir hábitos de leitura das mulheres que viveram entre 1890/1920 no Brasil, tomando como fonte primária o periódico paulistano *Revista Feminina*, fundado em 1914 por Virgilina de Souza Salles e extinto em 1926, oito anos depois da morte de sua fundadora. A análise da *Revista Feminina* permite reinterpretar as informações oficiais sobre o analfabetismo feminino brasileiro, uma vez que é possível identificar em suas páginas registros sobre o aumento do número de leitoras e de assinantes, bem como algumas recomendações sobre práticas de leitura feminina.

Palavras-chave: *Revista Feminina*, público leitor feminino, práticas de leitura.

Pesquisar hábitos e modalidades de leitura de mulheres no período imediatamente seguinte à proclamação da República no Brasil até os anos 20 do século passado é uma tarefa que exige diversos olhares, uma vez que as informações são dispersas e, muitas vezes, pouco verossímeis. Explico: textos literários muitas vezes apresentam personagens fictícias femininas com pouquíssima habilidade para leitura, mas jornais femininos da mesma época sugerem práticas de leitura de brasileiras bastante eficientes. Ao mesmo tempo, índices oficiais de alfabetização feminina apontam elevadas taxas de analfabetismo entre as mulheres que viveram nesta época. Assim sendo, é necessário cotejar esses diversos tipos de documentos: dados estatísticos, textos literários¹ dos mais diversos autores e textos não-literários¹.

A partir do cruzamento dessa diversidade de fontes torna-se possível começar a esboçar as estratégias utilizadas pelas mulheres que viveram no Brasil entre 1890/1920 para terem acesso ao mundo do texto impresso.

Dados estatísticos - Os índices de alfabetização feminina no período de 1890 a 1920, coletados pelo Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio¹, indicam a baixa escolaridade de mulheres: apenas 20% das mulheres sabiam ler e escrever no período 1890/1920, contra 29% de

homens alfabetizados¹. Essa tendência começou a se reverter a partir da Proclamação da República, quando se iniciaram campanhas de alfabetização em massa no Brasil. Ainda assim, às mulheres não foram dadas as mesmas oportunidades que aos homens. Diferentemente destes, que passaram a freqüentar os bancos escolares desde crianças para aprenderem uma profissão, as mulheres, principalmente as de camadas sociais mais favorecidas, deveriam ser suficientemente alfabetizadas para que pudessem ler o livro de rezas, ensinar as primeiras letras e operações matemáticas aos seus filhos, como ensinava a cartilha positivista, adotada pelos republicanos brasileiros.

Educadas por preceptoras estrangeiras ou por religiosas nas escolas de freiras que começavam a se instalar no Brasil, essas mulheres não chegavam a aprender um ofício, nem a praticar escrita e leitura plenamente. Ao contrário: temia-se que mulheres letradas pudessem ler romances considerados perigosos à boa conduta e pudessem trocar bilhetes amorosos. A leitura, portanto, deveria ser vigiada e controlada. De preferência, pelo marido, pelo pai ou pela Igreja.

Já as mulheres de classes sociais mais rebaixadas não aprendiam a ler e a escrever nas escolas, uma vez que ainda não se havia implantado um sistema escolar em nosso país que atendesse a essa camada da população.

Assim sendo, não devem sequer ter sido procuradas pelos recenseadores quando da realização do censo de 1920 que investigava o grau de instrução, idade, sexo e nacionalidade nos Estados e Capitais de 1890 a 1920 no Brasil.

Textos literários - Os romancistas da época, coniventes com a mentalidade vigente na sociedade patriarcal brasileira, construíram personagens letradas de pouco fôlego, dependentes do conhecimento de seus cônjuges para ultrapassarem dificuldades de compreensão de texto. É o caso da leitora prevista por Edmundo Amicis, em *Cuore*, obra de 1891, traduzida por Valentim Magalhães. Mãe de vários filhos, ela lhes lê histórias quando vão dormir, mas freqüentemente recorre ao marido em seu gabinete de trabalho para que ele lhe explique trechos mais complexos:

Foi ele [Edmundo Amicis] quem (...) conseguiu escrever um tratado de educação, sem fazer uma obra propriamente pedagógica, escrever o livro (...) que ele pressentia necessário às mães, quando, na solidão das suas câmaras, à noite, esperando os maridos ou vendo-os dormir,

subjugados pelo cansaço, elas pensam na sua maternidade, prestes a desabrochar em frutos de amor (...)

Lêde o *Coração*, minhas senhoras, lêde-o, que quereis o livro mais agradável na forma e mais humanamente divino no fundo, na idéia, nas doutrinas, que poderíeis encontrar.

Lêde-o e relêde-o, e depois, à noite, todas as noites, lêde uma página aos vossos filhos e *não deixeis que o vosso esposo se recolha ao seu gabinete de trabalho ou ao seu quarto de cama, sem pedir-lhe a colaboração de seu saber e do seu entender para a completa inteligência do que pretende De Amicis neste ou naquele passo de sua obra e para a mais perfeita execução dos seus planos educativos*¹. [Grifo meu]

Leitoras mais competentes muitas vezes tornavam-se pouco confiáveis em suas condutas moral e intelectual, como Edgarda, de *Numa e a ninfa*, de Lima Barreto, obra publicada em 1915. Dona de uma biblioteca e de um escritório próprios, onde podia ler e escrever sem ser interrompida, Edgarda surpreende seu marido Numa nas últimas páginas do romance:

[Numa] pensou em ir ver a mulher; em ir agradecer-lhe com um abraço o trabalho [redação dos discursos do marido] que estava tendo por ele. Calçou as chinelas e dirigiu-se vagarosamente, pé ante pé, até o aposento onde ela estava. Seria uma surpresa. As lâmpadas dos corredores não tinham sido apagadas. Foi. Ao aproximar-se, ouviu um cicio, vozes abafadas... Que seria? A porta estava fechada. Abaixou-se e olhou pelo buraco da fechadura. Ergue-se imediatamente... Seria verdade? Olhou de novo. Quem era? Era o primo... Eles se beijavam, deixando de beijar, escreviam. As folhas de papel eram escritas por ele e passadas logo a limpo pela mulher. Então era ele? Não era ela? Que devia fazer? Que descoberta! Que devia fazer? A carreira... o prestígio... senador... presidente... Ora bolas!

E Numa voltou, vagorosamente, pé ante pé, para o leito, onde sempre dormiu tranqüilamente¹.

Já Conceição, protagonista de *O quinze*, de Rachel de Queiroz, romance publicado em 1930¹, é leitora voraz, mas incapaz de administrar de forma satisfatória sua vida afetiva:

[Conceição] pensou no esquisito casal seria o deles, quando à noite, nos serões da fazenda, ela sublinhasse num livro querido um pensamento feliz e quisesse repartir com alguém a impressão recebida. Talvez Vicente levantasse a vista e lhe murmurasse um “é” distraído por detrás do jornal... Mas naturalmente a que distância e com quanta indiferença...

Pensou que, mesmo o encanto poderoso que a sadia fortaleza dele exercia nela, não preencheria a tremenda largura que os separava¹.

Essas três leitoras ficcionais exemplificam como seus autores projetavam mulheres com hábitos de leitura: incompetentes para conciliar vida afetiva, desempenho intelectual e moral. Todas vivem confortavelmente, sem necessidade de trabalho remunerado. As mulheres casadas eram sustentadas por seus cônjuges e as solteiras sobreviviam graças a alguma herança familiar.

Estas personagens leitoras acima citadas parecem personificar a forte resistência que havia na sociedade brasileira para que as mulheres, supostamente as das classes mais favorecidas, pudessem ter hábitos de leitura em sua vida cotidiana. Todas sofrem algum tipo de prejuízo quando possuem livros em suas mãos, em suas cestas de costura ou em suas prateleiras.

Textos não-literários – Apesar dos baixos índices oficiais de alfabetização feminina no Brasil, a imprensa paulistana da época feita por mulheres e dirigida às mulheres é bastante fértil: além de títulos que nasceram e morreram em pouco tempo, como *Álbum das Meninas* (1898/1900)¹, outros periódicos sobreviveram por bastante tempo, como a *Revista Feminina* (1914-1926)¹, *A Cigarra* (1914-1930)¹, entre outros¹.

A simples variedade de títulos já é bastante sugestiva: como se pode explicar a proliferação de periódicos femininos se praticamente não havia público leitor feminino? Mais ainda: como se pode explicar a longevidade de certos títulos, como *A cigarra*, se a alfabetização feminina aumentava tão lentamente¹?

Algumas hipóteses, formuladas a partir da leitura dos periódicos aqui citados, parecem responder a essas questões: 1. Possivelmente havia mais mulheres alfabetizadas do que o censo intitulado “Taxas de alfabetização no Brasil (1872/1920) segundo o sexo”, de 1920, fez crer. Os recenseadores talvez tenham subestimado o número de alfabetizadas, dada a dificuldade de acesso às mulheres de camadas sociais menos favorecidas, residentes em outras paragens da cidade e subordinadas a diferentes rotinas. O próprio Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, reconhece em documento anexo ao censo que, no ano de 1920, consideraram-se apenas os locais de mais fácil acesso, ou seja, os mais próximos dos centros populosos e, portanto, os mais “escolarizados”, com resultados pouco abrangentes. 2. Possivelmente havia uma prática informal de alfabetização feminina, que não passava necessariamente pelos bancos escolares. Assim sendo, mulheres menos abastadas e trabalhadoras podiam aprender a ler e a escrever em contextos não previstos pelo Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. Talvez se alfabetizassem através de familiares, de relações adquiridas no mundo do trabalho ou até por esforço próprio.

Tais considerações parecem pertinentes se atentarmos ao artigo intitulado “A nossa biblioteca”, publicado em setembro de 1917, na *Revista Feminina*.

Empenhada no alargamento de mulheres leitoras, este artigo pede às assinantes e às leitoras da *Revista Feminina* que doem livros para o aumento do acervo de uma biblioteca feminina que já estava em formação:

É nosso intuito aumentar cada vez mais nossa biblioteca, que já se compõe de mil e tantos volumes, enriquecendo-a com tudo quanto possa interessar ao espírito feminino. Ela tem estado aberta, gratuitamente, a todas nossas leitoras, grande número das quais se habituaram a vir passar algumas horas entre nossos livros.

Sem nenhuma fonte de renda especial, no entanto, ela só poderá completar-se com a colaboração de nossas boas amigas, ou pelo donativo generoso de algum de nossas grandes damas, se umas e outras se interessarem pela organização da primeira Biblioteca Feminina, na América.

Aí está um lindo sonho para as senhoras de elevado espírito, que dispõem de grande fortuna e de renda superior às suas necessidades: -- serem as fundadoras da primeira Biblioteca Feminina, da América!

(...)

As senhoras, infelizmente não dispõem de bibliotecas, pois nas bibliotecas públicas sentem-se mal, embaraçadas mesmo, não sendo habitual que uma senhora só freqüente esses lugares.

A organização de uma biblioteca só para senhoras, funcionando durante o dia e parte da noite (para aproveitar as senhoras que vivem de empresas diurnas) traria benefícios que não é necessário descrever, tão evidentes desde logo se mostram.

(...)

É uma semente... Que nos ajudem as nossas leitoras enviando-nos os livros que lhes não fizerem falta (...).

Esse artigo, assinado por Bébé¹, é bastante provocador, pois permite reforçar a hipótese de que as mulheres praticavam mais leitura do que o Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio admitia. Se é verdade que as mulheres abastadas possuíam tantos exemplares de livros em suas próprias casas, que era possível doar os excedentes, temos de considerar, em primeiro lugar, que essas senhoras, ainda que não fossem leitoras de fôlego, eram, no mínimo, proprietárias de livros. Tal constatação é bastante sugestiva, pois devemos refletir quais foram as estratégias utilizadas para formarem uma biblioteca particular, numa época em que sair desacompanhada de casa e freqüentar espaços públicos eram atos inadequados a uma mulher da sociedade.

Talvez tenham pedido aos homens da família que buscassem livros encomendados, uma vez que elas conheciam títulos e autores noticiados nos periódicos de que eram assinantes. Talvez tenham comprado por conta própria os livros que as interessavam, o que revelaria certa ousadia de comportamento.

Mesmo que não seja possível chegar a uma resposta, é necessário enfatizar a importância de, numa época em que o trânsito feminino era bastante cercado e limitado, não ser tão comum às

mulheres possuem livros dos quais podiam dispor livremente. A formação de um acervo particular de livros sugere uma prática de leitura feminina muito mais ampla do que os registrados nos textos literários e documentos oficiais.

A indicação de que mulheres abastadas possuíam livros em casa ainda permite pensar que, em algum aposento do interior doméstico, livros de mulheres conviviam com outros objetos. Ainda não se pode falar em um gabinete de trabalho exclusivamente feminino pois, como indicam vários registros literários e estudos sociológicos, aqueles, quando existiam, eram exclusivamente masculinos. Se raras vezes a mulher podia entrar neste ambiente, ainda que fosse na presença do homem, não parece improvável supor que até os anos 20 do século XX não havia privacidade para a mulher ler e escrever no interior do lar¹.

A sugestão da formação de uma biblioteca feminina que contemplasse “ as senhoras que vivem de empresas diurnas”¹ sugere a existência de leitoras que, diferentemente das doadoras dos volumes ou de verbas, dependiam do trabalho remunerado para sobreviver. Isso pode significar que, embora não pertencessem às camadas sociais onde a alfabetização feminina era quase uma obrigação, as trabalhadoras também sabiam ler e, mais ainda, que necessitavam de um local adequado para exercer o hábito da leitura.

Assim sendo, podemos identificar nesse artigo uma outra modalidade de leitura: a leitura por prazer. Não se trata mais de leitura realizada exclusivamente com objetivos pedagógicos, como desejavam alguns romancistas da época, mas de leitura desinteressada, efetuada por mulheres que não foram contempladas pelas campanhas oficiais de alfabetização, nem incluídas nos recenseamentos de órgãos governamentais.

Isso posto, parece ser bastante pertinente considerar a hipótese de que havia um número bem maior de mulheres alfabetizadas do que os índices oficiais apontam. Ainda que não se considere tal artigo verossímil, isto é, ainda que nunca tenha existido o projeto de tal biblioteca, é inegável que a articulista tentou incluir as mulheres trabalhadoras entre as leitoras da revista, isto é, que tentou ampliar o público leitor feminino.

Tal propósito parece ter sido bem-sucedido, pelo menos no que se refere ao número de assinantes. Encontramos na edição número 43, de 1917, a que fecha o quarto ano de existência da *Revista Feminina*, a seguinte informação:

A boa vontade, a dedicação e o zelo das senhoras
brasileiras que de Norte a Sul do Brasil tomaram a seu cargo

proteger e amparar esta nossa primeira grande publicação feminina, concorreram para que o número de nossas assinantes seguisse a seguinte progressão:

1914	1915	1916	1917
4.235	7.220	12.568	14.468

Tais números são bastante surpreendentes. Se cotejados com os coletados pelo Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, que contabilizavam 3.023.389 mulheres alfabetizadas no Brasil inteiro no período 1890/1920, estamos falando de um percentual de aproximadamente 0,50% do total de mulheres alfabetizadas, assinantes da *Revista Feminina*, quantidade pouco expressiva. No entanto, se analisarmos o número de adesões de assinantes ao longo de quatro anos (1914/1917), veremos que ele praticamente cresceu três vezes e meia. Tal crescimento é bastante significativo se se levar em conta a dificuldade de distribuição do periódico fora do Estado de São Paulo, local de origem da *Revista*, como indica o seguinte trecho:

Chamamos também a atenção das nossas assinantes para este detalhe, que é importantíssimo: muitas das nossas assinantes, principalmente as do norte do país, se queixam a cada passo de que não recebem regularmente a nossa revista. Às nossas reclamantes tratamos de enviar os números reclamados¹.

Uma vez que a *Revista Feminina* previa leitoras das mais variadas camadas sociais, pode-se pensar que suas informações relativas ao número de assinantes indicam que, pelo menos em São Paulo, havia mais mulheres alfabetizadas do que os números levantados pelo Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, que provavelmente descartou, de seu recenseamento, mulheres trabalhadoras.

No entanto, incluir as mulheres trabalhadoras como leitoras não parece responder de forma totalmente satisfatória ao aumento do número de assinantes da *Revista Feminina* num período de quatro anos. Uma análise mais acurada da *Revista Feminina* mostra a diversidade de estratégias adotadas para ampliar, a cada mês, a quantidade de leitoras do periódico.

Em março de 1918, no anúncio intitulado “Expediente”, lê-se:

As assinaturas podem começar em qualquer mês, terminando um ano depois, no mês correspondente.

Toda senhora que arranjar 10 assinaturas terá uma assinatura grátis. [Grifo meu]

Isso significa que, aos olhos da direção da *Revista*, todas as assinantes poderiam ser vendedoras potenciais e merecedoras de uma assinatura grátis, desde que conseguissem angariar 10 novas assinaturas. Tal estratégia parece ter funcionado de forma satisfatória, pois na edição de agosto do mesmo ano “a direção” da *Revista* informa, em tom comemorativo, que foram registradas

duzentas e tantas novas assinaturas em vinte dias. Enormes são os esforços e o prestígio da brasileira.

Na mesma ocasião, “a direção” informa que as edições mensais atingiam uma tiragem de 20 a 25.000 exemplares. Isso significa que ou se publicava mais de um exemplar por assinante ou que havia mais leitoras do que a *Revista* registrava.

As estratégias de ampliação de novos leitores previam, também, a formação de coleções completas e encadernadas da *Revista*. Na edição de agosto de 1919 lê-se o seguinte anúncio, intitulado “Indicador da Revista”:

A Revista Feminina

Os números desta revista relativas ao ano de 1918 já se acham, nesta redação, encadernados, constituindo um grosso e elegante volume. A encadernação é em percaline, com os dizeres do lombo dourados. Vende-se cada volume a 25\$000. Como presente de aniversário para uma senhora ou para uma moça, é o que há de mais útil. As pessoas que têm intrincadas as suas coleções devem adquirir a edição encadernada.

Tal trecho sugere que as organizadoras da *Revista Feminina* apostavam que presentear leitoras esporádicas com material cuidadosamente encadernado poderia convertê-las em assinantes.

Resumindo: A *Revista Feminina* trabalhava em mão dupla para ampliar seu número de leitoras pois, ao mesmo tempo em que oferecia prêmios às assinantes, seduzia leitoras esporádicas com coleções encadernadas, acreditando que, ao manipular um volume

cuidadosamente editado, não resistiriam à tentação e tornar-se-iam novas assinantes. Estas, por sua vez, poderiam ganhar uma assinatura grátis, se conseguissem 10 novas assinaturas, e assim por diante.

A preocupação em ampliar o número de leitoras, o de assinantes e em lhes proporcionar bons textos literários ao mesmo tempo pode ser identificada na seção “Livros à venda nesta redação”, que se repete em várias edições. Nela, encontra-se o seguinte trecho introdutório:

As nossas leitoras e assinantes não podem prescindir de um certo número de obras que são necessárias na estante de uma senhora. Todas as que temos à venda nesta redação são úteis, interessantes, curiosas, absolutamente morais¹.

Neste simples parágrafo nota-se a distinção entre “nossas leitoras” e “assinantes”, duas categorias que não se misturam, mas que merecem os mesmos cuidados relativos à composição de boas bibliotecas particulares. Entre os dez títulos citados nesta seção merecem destaque *Escrava ou Rainha* (sem autoria definida), “lindo romance publicado nas páginas da *Revista Feminina*, um grosso volume nitidamente impresso”; *Les romanesques*, “comédia em verso de Ed. Rostand. Edição de luxo, com numerosas e lindíssimas ilustrações em papel glacê”; *Le tricot* (obra sem autoria definida), “obra indispensável para as moças prendadas” e *Coleções Encadernadas da Revista Feminina*, “referentes aos anos de 1917, 1918 e 1919. As pessoas que não colecionaram a nossa revista ou aquelas que têm curiosidade de conhecê-la, devem adquirir nossas coleções, que formam grossos e luxuosíssimos volumes encadernados em percaline a cores diversas, com dizeres a letras douradas. Volumes próprios para presentes de aniversário e que devem ser conservados como livros de consulta, mercê de sua variada e interessantíssima leitura.”

Estes títulos mostram, em primeiro lugar, o que o corpo editorial da *Revista Feminina* entendia por obras “úteis, interessantes, curiosas, absolutamente morais”: romances já publicados por partes na própria *Revista Feminina*, o que, por si só, funcionaria como um atestado de boa qualidade; livros de trabalhos manuais e o conjunto dos fascículos da *Revista Feminina*, cuidadosamente encadernados. Ou seja: a *Revista Feminina* funciona tanto como um meio de divulgação de bons textos literários, como o próprio texto literário, já que se inclui entre os títulos que valem a pena ser adquiridos.

O ensaio que segue, intitulado “Vossas filhas sabem ler?”, de Berenice Vieira¹, também publicado na *Revista Feminina* em 1917, ao mesmo tempo que reforça, mais uma vez, a boa qualidade literária da *Revista Feminina*, sugere, ainda, o alargamento do público leitor, ao incluir “vossas filhas” entre as leitoras.

Um senhor, fazendo-me visitar sua luxuosa casa, disse-me um dia:

Ah! Minha senhora, as mulheres estão arruinando o mundo com suas idéias de luxo. Um homem é levado muitas vezes até ao crime, para satisfazer aos caprichos da mulher amada.

Atalhei seu raciocínio, cuja extensão desde logo compreendi:

-- Não são as mulheres que estragam o mundo: são os publicistas que estragam as mulheres, intoxicando-as com a fantasia inacessível dos romances e com o estímulo das reportagens mundanas sensacionais.

Riu-se meu interlocutor e ri-me também. Nenhum de nós tinha inteira razão e nem razão têm os que afirmam que dentro de duas de cadas (sic) as mulheres abandonarão, pelos livros de filosofia, seus jornais de costura e de cozinha.

(...)

Deveis, pois, mães de família, muito pesar o que dais a ler às vossas filhas, pois na brochura elegante, na ilustração pomposa, no panfleto de passo leve, pode ir escondida a traça daninha, que imperceptivelmente irá roendo os corações e os cérebros de vosso lar... Tendes na “Revista Feminina” a verdadeira leitura do lar.

Neste trecho, podemos observar a campanha tanto da narradora mulher, quanto do interlocutor homem, contra a disseminação generalizada de romances, produtos de “publicistas” que “intoxicam” as mulheres com idéias que as fazem fugir dos afazeres domésticos.

Mais importante do que a condenação *a priori* de romances, é a percepção da articulista de que são as filhas das leitoras da *Revista Feminina* que merecem preocupação. Isso significa que estamos diante de dois públicos leitores femininos distintos, previstos por Berenice Vieira: o primeiro, das mães que lêem diretamente a *Revista Feminina*, e o segundo, das suas filhas, que já lêem romances. A fim de apaziguar esses dois públicos diferenciados de leitoras, a articulista propõe que ambos detenham-se na leitura da *Revista Feminina*, cuja qualidade a própria *Revista Feminina* já provou ser inegável.

Assim sendo, mais do que simplesmente garantir o ato da leitura, garantem-se os conteúdos a que a nova geração está sendo exposta.

Como a *Revista Feminina* utiliza como estratégia de divulgação a autopromoção, é bastante coerente que tente vender seus fascículos em forma de coleção. Assim, preserva-se o vínculo das leitoras com os fascículos já lidos, recuperam-se os perdidos, enquanto aguardam-se os que estão por vir a público. Mais ainda: as coleções permitem que novas gerações, talvez as das netas, possam ler “boa literatura”.

O anúncio reiterado da formação de coleções cuidadosamente encadernadas dos fascículos da *Revista Feminina*, tanto na seção “Livros Novos”, como no interior de ensaios, endossa, mais uma vez, a estratégia para que simples leitoras tornem-se assinantes.

Adquirindo novas assinaturas, as fundadoras da *Revista Feminina* acreditavam ser possível ampliar o espaço interno das publicações:

Com maior número de assinantes poderemos iniciar novas seções e, principalmente, distribuir com cada um de nossos números, trabalhos já começados, sem aumento de preço.(...)

Nada custa a cada uma de nossas leitoras angariar uma nova assinante. É um esforço mínimo, de resultados, no entanto, incalculáveis¹.

A conjunção de tais excertos permite começar a concluir que ampliar o número de assinantes significava mais do que permitir a sobrevivência da *Revista Feminina*; significava aumentar a possibilidade de leituras às mais diversas mulheres e ampliar as seções internas do periódico.

A ilustração que segue, ainda que funcione como propaganda interna da própria revista, concretiza, visualmente, o grande volume de exemplares da edição de junho de 1918, como se reforçasse o apelo para a angariação de novas assinantes. Empilhados em várias colunas e amarrados, os volumes, expostos em praça pública, são rodeados pelos passantes, todos homens, que observam, por trás das pilhas, o momento da fotografia.

Tal imagem, ao mesmo tempo em que materializa os milhares de exemplares publicados, sugere que a revista tinha trânsito no espaço público, ao contrário de suas leitoras, que não aparecem neste registro fotográfico.

Quando se representa visualmente a mulher leitora, como a da capa de agosto de 1918, no lugar de uma foto tem-se um desenho, que projeta uma modalidade muito específica de leitura: no interior do lar, como indica a cadeira de balanço, por uma mulher bem arrumada. Seu penteado, bem como suas vestimentas, sugerem uma mulher mais abonada, uma vez que não parece ser trabalhadora.

A ilustração seguinte, que foi capa da edição de agosto de 1919, também ilustra uma modalidade de leitura feminina. Desta vez, a mulher está acompanhada por uma criança, supostamente sua filha. Ambas estão no ambiente externo da casa, mas dentro do limite privado. Lençóis secando ao sol indicam este limite entre o ambiente privado e o público, bem como a conclusão de uma tarefa doméstica, embora não se sabe por quem. A criança não interrompe a leitura de sua suposta mãe. Com brinquedos em suas mãos, parece ter certa autonomia e convivência pacífica com a mulher leitora. Praticada à luz do dia, esta leitura parece estar sendo realizada como forma de lazer. Bem vestida, asseada, esta mulher está envolvida com seu livro. Como está sentada em uma poltrona, possivelmente é a própria dona da casa quem está lendo, enquanto aproveita o bom tempo para que sua filha possa brincar.

Ainda que as mulheres mais pobres fizessem parte da proposta da *Revista Feminina*, como sugere o texto que estimula a formação de uma biblioteca pública para mulheres trabalhadoras, elas não eram visualmente representadas, nem em fotografias, nem em desenhos. Se, por um lado, essa omissão pode revelar uma exclusão, por outro, deve-se lembrar a novidade que representava incluir entre o público leitor feminino mulheres que nem sequer eram procuradas por recenseadores, cuja tarefa era levantar o número de alfabetizadas no país.

De tudo que já foi exposto, pode-se dizer que a *Revista Feminina*, no mínimo enquanto projeto, desempenhou importante papel na formação do público leitor feminino brasileiro, uma

vez que ao mesmo tempo que acreditava estar fornecendo bons modelos de textos literários, não mediu esforços para aumentar seu número de leitoras e para preservar seu funcionamento.

Bibliografia

- CHARTIER, Roger. “As práticas da escrita”. In: *História da vida privada*. São Paulo, Companhia das Letras, 1991.
- CRUZ, Heloísa de Faria (org.). *São Paulo em revista*. São Paulo, Cedec/ Arquivo do Estado, 1997.
- HELLER, Barbara. *Em busca de novos papéis: imagens da mulher leitora no Brasil*. Tese de doutorado, Unicamp, 1997.
- _____. *Mulheres entre linhas: imagens da leitora brasileira do início do século XX*. Dissertação de Mestrado, Eca/Usp, 1990.
- LIMA BARRETO, Afonso Henriques. *Numa e a ninfa*. Rio, São Paulo, Porto Alegre, Gráfica Editora, 1940.
- MAGALHÃES, Valentim. In: AMICIS, Edmundo. *Coração*. São Paulo, Teixeira & Irmão, 1891.
- MASCARO, Sônia de Amorim. *A Revista Feminina: imagens de mulher*. Dissertação de Mestrado, Escola de Comunicações e Artes, 1982.
- QUEIRÓS, Rachel de. *O quinze*. São Paulo, Siciliano, 1993.
- Revista Feminina*, janeiro de 1917.
- Revista Feminina*, maio 1920, n. 71.
- Revista Feminina*, março de 1918, ano 5, n. 45.
- Revista Feminina*, março de 1918, ano 5, n. 45.
- SCHUMAHER, Schuma (org.). *Dicionário de mulheres do Brasil*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2000.

Notas

¹ - Esse título foi extraído de um artigo publicado na *Revista Feminina*, de janeiro de 1917.

¹ - Estou partindo do pressuposto de que a literatura pode funcionar como documento, uma vez que é um dos suportes que permitem verificar as idéias propostas por autores em determinados períodos. Mesmo textos literários interpretados como utópicos permitem checar o que se pretendia atingir numa determinada sociedade, numa época específica.

¹ - Propagandas, cartas, artigos e editoriais de jornais estão sendo tratados neste ensaio como textos não-literários.

¹ - É necessário questionar o que o Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio entende por “alfabetização”. Roger Chartier, ao investigar níveis de letramento da população francesa entre os séculos XVI e XVIII, considerou como alfabetizados em potencial aqueles que assinavam os mais diversos tipos de documentos, tais como certidões de casamento, pedidos de divórcio, etc. Ainda segundo Chartier, tais assinaturas funcionam mais como taxas de alfabetização do que como indicadores diretos dos percentuais da população que sabe ler e escrever. (Chartier, 1991, p. 114.)

¹ - Conforme dados estatísticos levantados pelo Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio em 1920, de um total de 30.635.065 habitantes no Brasil, 15.191.787 eram mulheres. Destas, apenas 3.023.389 eram alfabetizadas, ou seja, 19,9%. Já os homens, de um total de 15.443.818, eram alfabetizados 4.470.068, ou seja, 28,9%. (VER: HELLER, Barbara. *Em busca de novos papéis: imagens da mulher leitora no Brasil*. Tese de doutorado, Unicamp, 1997. p. 23.)

¹ - Prefácio de MAGALHÃES, Valentim. In: AMICIS, Edmundo. *Coração*. São Paulo, Teixeira & Irmão, 1891. (Ver, HELLER, Barbara. *Mulheres entre linhas: imagens da leitora brasileira do início do século XX*. Dissertação de Mestrado, Eca/Usp, 1990. p.53.)

¹ - LIMA BARRETO, Afonso Henriques. *Numa e a ninfa*. Rio, São Paulo, Porto Alegre, Gráfica Editora, 1940. pp. 213-5. (Ver, HELLER, Barbara. *Em busca de novos papéis: imagens da mulher leitora no Brasil (189-1920)* Dissertação de Doutorado, IEL/Unicamp, 1990. p.208.)

¹ - Embora esse romance de Rachel de Queiroz seja posterior ao período recortado, julguei necessário citá-lo nesse texto, pois sintetiza, de forma exemplar, a divisão que as personagens femininas vivem: ora são leitoras e solteiras, ora são ignorantes e mães de família.

¹ - QUEIRÓS, Rachel de. *O quinze*. São Paulo, Siciliano, 1993. (Ver, HELLER, Barbara. *Em busca de novos papéis: imagens da mulher leitora no Brasil (1890-1920)* Dissertação de Doutorado, IEL/Unicamp, 1990. p.232.)

¹ - O *Álbum das meninas* era propriedade de Anália Emília Franco. Professora diplomada, inaugurou em 17 de novembro de 1901, com estatutos aprovados em assembléia geral, a Associação Feminina Beneficente e Instrutiva do Estado de São Paulo. O *Álbum das meninas*, com tiragem mensal, foi interrompido entre setembro de 1899 e julho de 1900. (Ver:

SCHUMAHER, Schuma (org.). *Dicionário de mulheres do Brasil*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2000. p. 70.)

¹ - A *Revista Feminina* foi fundada em 1914 por Virgilina de Souza Salles, em São Paulo. Senhora pertencente a tradicional família paulista, era irmã do escritor e teatrólogo Cláudio de Souza e esposa de João Salles, que também trabalhou como diretor do periódico, mesmo depois da morte de sua esposa, em maio de 1918. A *Revista Feminina* era publicada mensalmente. (VER: MASCARO, Sônia de Amorim. *A Revista Feminina: imagens de mulher*. Dissertação de Mestrado, Escola de Comunicações e Artes, 1982. p. 7.)

¹ - A *Cigarra*, com tiragem quinzenal, era propriedade de Pimenta & Comp. (Sociedade entre Gelásio Pimenta e Coronel Durval Vieira de Sousa); a partir de 1927 aparece como proprietário somente Gelásio Pimenta. É importante comentar que *A Cigarra* foi dirigida por homens, mas visava um público leitor composto por homens e mulheres. Sua inclusão no *corpus* da pesquisa deve-se à importância que teve na época, à sua longa sobrevivência e aos assuntos dirigidos ao sexo feminino. (Ver: CRUZ, Heloísa de Faria (org.). *São Paulo em revista*. São Paulo, Cedec/Arquivo do Estado, 1997. pp.90-1.)

¹ - Existem várias publicações femininas em São Paulo no período compreendido entre 1890 e 1920. Privilegiei essas três, pois são objeto de minha pesquisa.

¹ - Segundo o censo do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, em 1900 havia 1.701.060 mulheres alfabetizadas. Em 1920, o número subiu para 3.023.289, ou seja, em 20 anos aumentou apenas 1.77 vezes.

¹ - Não foi possível verificar quem é Bébé. Trata-se possivelmente de um apelido ou de um pseudônimo.

¹ - Sobre o trinômio: presença do livro/hábito de leitura/intimidade, ler CHARTIER, Roger. “As práticas da escrita”. In: *História da vida privada*. São Paulo, Companhia das Letras, 1991. pp. 131-144.

¹ - Não consegui localizar nas demais edições da *Revista Feminina* notícias sobre a formação dessa biblioteca pública feminina.

¹ - *Revista Feminina*, março de 1918, ano 5, n. 45.

¹ - *Revista Feminina*, maio 1920, n. 71.

¹ - Também não foi possível verificar até agora se Berenice Vieira é um pseudônimo feminino para um autor do sexo masculino, se é um nome verdadeiro ou fictício. De qualquer forma, vale a

pena comentar que se trata de um nome de mulher, que toma partido contra a falta de critérios na seleção de títulos de romances às filhas das supostas leitoras da *Revista Feminina*.

¹ - *Revista Feminina*, março de 1918, ano 5, n. 45.